

# DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS<sup>1</sup>:

uma análise do racismo nos Balés Clássicos de repertório

Jéssica Rayane Silva<sup>2</sup>  
Juliana Cunha Passos<sup>3</sup>

**Resumo:** A pesquisa tem como objetivo principal analisar criticamente a representação racial em balés clássicos de repertório, identificando estereótipos raciais. Apresenta uma abordagem qualitativa, com utilização de pesquisa bibliográfica, análise de vídeos de balés de repertório, além de coleta e análise de dados com bailarinos(as) e professores(as) negros de dança clássica. Propôs a elaboração de um guia educativo para auxiliar professores de dança clássica a adotarem práticas pedagógicas antirracistas, promovendo a conscientização sobre o racismo e a diversidade, e de uma proposta didática abordando questões relacionadas a corpo e identidade em processo de criação em dança clássica. A fundamentação teórica é baseada em autores como Anderson (1978), Pereira (2003), Hanna (1999), Praxedes e Praxedes (2014), Carine (2023) e Davis (2017). Os resultados revelaram a persistência de estereótipos raciais em remontagens de balés de repertório, como a associação de personagens negros a papéis secundários ou exóticos. Os relatos dos participantes evidenciaram o impacto emocional e psicológico da pouca representatividade negra na dança clássica. No entanto, foram identificadas mudanças que abrem espaço para novas narrativas e representações, valorizando a diversidade e a inclusão étnico-raciais.

**Palavras-chave:** dança clássica; balé clássico de repertório; diversidade étnico-racial, estereótipos raciais; racismo.

**Abstract:** The main objective of the research is to critically analyze racial representation in classical repertoire ballets, identifying racial stereotypes. It presents a qualitative approach, using bibliographic research, analysis of ballet videos, as well as data collection and analysis with black dancers and teachers of classical dance. It proposed the elaboration of an educational guide to help classical dance teachers to adopt anti-racist pedagogical practices, promoting awareness about racism and diversity, and a didactic proposal addressing issues related to body and identity in the process of creation in classical dance. The theoretical foundation is based on authors such as Anderson (1978), Pereira (2003), Hanna (1999), Praxedes and Praxedes (2014), Carine (2023) and Davis (2017). The results revealed the persistence of racial stereotypes in repertoire ballet revivals, such as the association of black characters with secondary or exotic roles. The participants' reports evidenced the emotional and psychological impact of the low black representation in classical dance. However, changes were identified that open space for new narratives and representations, valuing ethnic-racial diversity and inclusion.

**Keywords:** racism, classical ballet repertoire, diversity, racial stereotypes.

---

<sup>1</sup> Data de aprovação 16/12/2024, aprovado pela banca composta pela orientadora Juliana Passos, pela avaliadora 1 Suselaine Martinelli e pela avaliadora 2 Gardênia Coletto. Curso: Especialização em Metodologia de Ensino da Dança Clássica do IFB-campus Brasília.

<sup>2</sup> Licenciada em Dança (2022) e especialista em Metodologia de Ensino da Dança Clássica (2025) pelo Instituto Federal de Brasília. Atua como coordenadora pedagógica em escolas de ensino regular no Distrito Federal. E-mail: [jessika.ballet@gmail.com](mailto:jessika.ballet@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Artes da Cena, Licenciada e Bacharel em Dança pela Unicamp. Docente de dança do Instituto Federal de Brasília e orientadora do TCC da Pós-graduação *Lato Sensu* em Metodologia de Ensino da Dança Clássica. E-mail: [juliana.passos@ifb.edu.br](mailto:juliana.passos@ifb.edu.br)

## Introdução e Justificativa

Nascida nas cortes italianas no período do Renascimento, a Dança Clássica se tornou uma linguagem artística difundida no mundo todo, carregando códigos sociais, históricos e estéticos. Na França, sob o reinado de Luís XIV, alcançou seu auge, com a criação da Academia Real de Dança. E o período do Romantismo trouxe novas temáticas, como o amor e a fantasia, para os espetáculos de balé.

A técnica e a estética da Dança Clássica se difundiram pelo mundo, mas sua adaptação a diferentes culturas foi um desafio, pois seus padrões europeus colidiram com as características físicas e culturais dos outros povos. A técnica clássica foi moldada por contextos culturais específicos e suas origens europeias influenciaram profundamente sua estética e seus padrões.

Temos a prova concreta de que, na Índia e na China, as cortes contavam com os serviços de escravos bailarinos, os quais só dançavam para o deleite dos soberanos e da nobreza. Os Balés Reais da Tailândia e do Camboja são descendentes diretos desses grupos de escravos que, através dos séculos, aperfeiçoaram a sua exibição, até chegarem às complicadíssimas coreografias atuais, cheias de gestos simbólicos que tornam sua execução extremamente difícil. Essa dificuldade é de tal ordem que, na Tailândia, as meninas começam a ser treinadas aos sete ou oito anos de idade, e só aos 20, ou seja, 12 anos depois, se considera que estejam no apogeu de sua arte. (Faro, 1986, p. 15)

A história da Dança Clássica é marcada pela sua relação com o poder político e econômico, a sua evolução ao longo dos séculos e os desafios de adaptá-la a diferentes culturas. A dança, nesse contexto, não é apenas uma forma de expressão artística, mas também um reflexo das transformações sociais e culturais.

A Dança Clássica, marcada pela herança europeia, moldou uma estética corporal específica para seus bailarinos. A imagem clássica, enraizada em ideais de beleza e perfeição física da Antiguidade clássica, perpetua ainda nos dias atuais sob o jugo de uma estética rígida e excludente. Os corpos das(dos) bailarinas(os) são moldados por uma tirania da perfeição, em uma busca incessante por um ideal inalcançável que os priva de suas individualidades e autenticidades.

Segundo Pereira (2003, p.27), no século XVIII, os bailarinos eram divididos em três gêneros a partir de sua constituição física: o nobre, o *demi-caractere* ou galante e o cômico. A altura, a fisionomia e o comportamento em cena variava de acordo com cada gênero.

Observa-se, portanto, de tal classificação a atenção para diversidade de possibilidades de dança a partir da diversidade de corpos. Além da possibilidade de um "recurso de expressão artística dos mais poderosos" (Monteiro, 1998, p.150), que vincula ao corpo do bailarino as possibilidades de significações no balé. (Pereira, 2003, p. 28).

Diante deste contexto, o presente estudo tem como objetivo principal realizar uma análise crítica da representação racial em balés clássicos de repertório, buscando identificar os estereótipos raciais e avaliar seu impacto na sociedade contemporânea. Além disso, propõe a elaboração de um guia educativo para auxiliar professores de Dança Clássica a adotarem práticas pedagógicas antirracistas, promovendo representações inclusivas e a diversidade em sala de aula.

A pesquisa também investiga as perspectivas e experiências de bailarinos(as) negros(as), buscando compreender como a questão racial se manifesta no contexto da Dança Clássica, uma vez que tem suas origens na monarquia branca europeia. Isso faz com que haja, ainda, a necessidade de afirmação e de questionamentos acerca da presença negra neste contexto. A ausência de corpos negros, principalmente de mulheres, em companhias e grupos de dança leva a reflexão sobre qual é o padrão estético imposto.

Compreender e abordar a questão do racismo nos balés clássicos de repertório é crucial para promover a diversidade e a inclusão<sup>4</sup> no contexto da Dança Clássica. Ao analisar criticamente obras de balés de repertório, é possível reconhecer estereótipos raciais perpetuados e trabalhar para desconstruí-los, criando um ambiente acolhedor e representativo para bailarinos(as) e espectadores de todas as origens étnico-raciais.

Esta pesquisa objetiva contribuir também para uma maior conscientização sobre as questões de representação racial e fornecer *insights* que possam orientar práticas inclusivas e igualitárias na produção e apresentação de balés de repertório. É necessário ter um olhar crítico para essas obras, tendo em vista que as representações de opressão e humilhação que fazem parte da experiência diária das pessoas negras não podem ser ignoradas.

Os professores e coreógrafos de Dança Clássica não podem ser coniventes ou negligentes diante do racismo, sendo necessário praticar uma pedagogia antirracista em seu cotidiano. Assim, a presente pesquisa não pretende esgotar o tema, mas indicar questões e reflexões que merecem ser aprofundadas.

## **Referencial Teórico**

Eixo I – O racismo no balé de repertório. Este eixo se divide em duas partes, a primeira analisa a construção do corpo da bailarina, oportunizando repensar sua imagem padronizada. Na segunda parte são apontados estereótipos raciais em balés clássicos de repertório, a partir da análise de vídeos de remontagens de *La Bayadère*, *Petrushka* e *A filha*

---

<sup>4</sup> O conceito de inclusão neste trabalho considera a pedagogia da implosão de Carine (2023), que “destrói/implode o edifício brancocêntrico ocidental e constrói, a várias mãos, a nova festa da diversidade.”

do *Faraó*, nos quais o *blackface* e outros estereótipos raciais ainda são recorrentes. Este eixo utiliza como referência autores da área de dança, como Anderson (1978) e Pereira (2003) e da área de Antropologia, como Praxedes e Praxedes (2014) e Hanna (1999).

Eixo II – Este eixo propõe uma imersão crítica no universo da Dança Clássica, destacando as iniciativas de bailarinos(as) e companhias que buscam uma representação justa e inclusiva, destacando a resistência e a inovação daqueles que desafiam os padrões estabelecidos. Através de trajetórias inspiradoras e iniciativas pioneiras, é demonstrado como a dança pode ser um veículo de transformação social e cultural, promovendo a diversidade e a equidade. Este eixo utiliza autores das áreas da Filosofia, Dança e Educação, como Carine (2023), Davis (2017), Portinari (1985), Achcar (1986), Nascimento (2021) e Silva (2021).

### **A bailarina e seu estereótipo: construção do corpo da bailarina**

A imagem da bailarina clássica, longilínea e magra, é frequentemente associada a um ideal de beleza inalcançável. Essa construção histórica, moldada por padrões estéticos europeus e reforçada por figuras como George Balanchine, impõe exigências físicas e psicológicas aos bailarinos. Balanchine, um dos coreógrafos mais influentes do século XX, exerceu um papel fundamental na consolidação do corpo idealizado da bailarina clássica. Suas coreografias, marcadas por uma estética neoclássica, exigiam bailarinas com corpos longilíneos, magras e extremamente flexíveis.

Essa visão estreita da beleza feminina, reforçada pela mídia e pela indústria da dança, perpetua um padrão inalcançável e contribui para a criação de um ambiente altamente competitivo e excludente, na maior parte das modalidades de dança. “O balé clássico tendia a apresentar duas imagens contrastantes de mulher - a do inatingível, idealizado ou reprimido amor virginal, ou a da apaixonada namorada” (Hanna, 1999, p. 250).

Em janeiro de 2023 foi lançado *The Turning: Room of Mirrors*, uma série de entrevistas em formato de podcast, produzida por iHeart Radio e Rococo Punch e apresentada por Erika Lantz. A partir desta série, a bailarina e redatora do Portal MUD, Carolina Paes de Barros apresenta a história de Balanchine, no que se refere à estética na Dança Clássica, tendo uma imagem bem clara de como uma bailarina deveria parecer: “longilínea, magra (de preferência com o esterno aparecendo), de cabelos compridos, com um rosto bonito” (Barros, 2023).

De acordo com Barros (2023), conforme documentado em carta, Balanchine e Kirstein (co-fundador do *New York City Ballet - NYCB*) almejavam ter em seu elenco “16

dançarinos, metade mulher, metade homem, metade branco, metade negro”<sup>5</sup> (tradução nossa), porém esse plano nunca foi concretizado. A série de entrevistas expôs as contradições do coreógrafo, que se inspirava numa dança negra, mas cujo ideal de beleza era o de corpos brancos.

Balanchine teve como primeiro-bailarino e afilhado artístico o célebre bailarino negro Arthur Mitchell, mas mesmo assim impunha uma série de obstáculos para a entrada de bailarinas(os) negras (os) em sua companhia. Os planos de Balanchine e Kirstein para o NYCB exemplificam as contradições históricas nesse contexto, demonstrando a necessidade de uma abordagem crítica e inclusiva na Dança Clássica.

Relacionada a essa questão da representação racial na Dança Clássica, observa-se uma convergência com a afirmação de Pereira (2003) sobre a importância de analisar o corpo não apenas esteticamente, mas também sob a lente da raça, etnia e poder. “Ao tomar o corpo como objeto de análise, deve-se ainda somar a essas instâncias, por conseguinte, as questões da raça e da etnia, que não por acaso, compartilham o mesmo tempo histórico.” (Pereira, 2003, p. 24).

### **Estereótipos racistas e o *Blackface* nos balés clássicos de repertório**

O balé *Petrushka*, com música de Stravinsky e coreografia de Fokine, representa a história patética de uma marionete, a quem é dada vida só para sofrer as amarguras do amor, no meio da confusão de um carnaval russo (Anderson, 1978, p. 80). Com estreia em 1911 em Paris, pelo *Ballets Russes* de Serge Diaghilev, entrou na história da Dança Clássica, alcançando imediatamente uma imensa popularidade, porém o personagem do boneco do mouro foi representado com rosto preto em *blackface*. Ainda na contemporaneidade, é possível presenciar esse estereótipo racial, como na imagem abaixo da produção de *Gary Chryst* para o Teatro Mariinsky, em 6 de fevereiro de 2010.

---

<sup>5</sup> No original “16 dancers, half women, half men, half white and half negro” (Balanchine e Lincoln Kirstein *apud* Barros, 2023)

Figura 1- Valeria Martynyuk, a bailarina e Islom Baimuradov, o mouro



Fonte: *Mariinsky Theatre*, 2010

Visivelmente uma depreciação dos negros para entretenimento, o que expõe alguns aspectos da tradição do balé clássico com esteriótipos racistas. Em texto publicado no *New York Times*, o crítico John Rockwell comenta sobre a apresentação de *Petrushka* pelo *American Ballet Theatre* (ABT) no *Metropolitan Opera House*, em 16 de julho de 2005, apontando que o bailarino “Marcelo Gomes interpretou o mouro com toda questão da violência racial ingenuamente deixada intacta<sup>6</sup>” (Rockwell, 2005, tradução nossa)

Alguns aspectos teóricos, sociológicos e antropológicos sobre a formação dos preconceitos, a partir de uma crítica à filosofia e às ciências, que em vez de contribuir para a igualdade e a emancipação humanas formulam, difundem ou legitimam um conjunto de representações negativas, preconceituosas e grosseiras sobre os seres humanos através de obras filosóficas, científicas e literárias eurocêntricas pretensamente "universais". (Praxedes; Praxedes, 2014, p. 12)

A prática do *blackface*<sup>7</sup>, em que pessoas brancas pintam o rosto de preto ou marrom, é uma ofensa à comunidade negra. Essa representação estereotipada perpetua uma visão deturpada e racista sobre as pessoas negras, reduzindo-as a caricaturas e negando sua complexidade e individualidade. Ao exagerar traços físicos e comportamentais, esta prática reforça preconceitos históricos e contribui para a manutenção de um sistema racista que desvaloriza e oprime a população negra. É fundamental que a sociedade reconheça a gravidade dessa prática e se comprometa a combatê-la, promovendo a valorização da cultura negra e a construção de um futuro com equidade.

---

<sup>6</sup> No original: “On Wednesday Marcelo Gomes made a commanding Moor, with all the racist business about childlike, violent blacks intact.” Disponível em: [Poetry, Splendor and Folk Life From a Rebel - The New York Times](#)

<sup>7</sup> Segundo a BBC News (2019), o *blackface* é uma prática que tem pelo menos 200 anos. Acredita-se que tenha se iniciado por volta de 1830 em Nova York. Mas não se tratava apenas de pintar a pele de cor diferente, era uma prática na qual pessoas negras eram ridicularizadas para o entretenimento de brancos. Disponível em: [O que é 'blackface' e por que é considerado tão ofensivo? - BBC News Brasil](#)

Durante muitos anos, a maquiagem de *blackface* tem sido usada nos balés *Petruska* e *La Bayadère*, altamente controversos tanto pelos estereótipos raciais de personagens quanto pelo uso deste tipo de maquiagem. Em *La Bayadère*, também aparece um grupo de crianças utilizando essa maquiagem, fazendo parte do corpo de baile do personagem ídolo de bronze. Embora abandonado pela maioria das companhias de balé, ainda é usado pelos Ballet Bolshoi e Mariinsky na Rússia.

É contraditório que a Dança Clássica, uma arte que celebra a beleza do corpo humano em movimento, seja utilizada como veículo para propagar estereótipos racistas. A prática do *blackface* é um exemplo de como a arte pode ser utilizada para fins discriminatórios e excludentes. Em vez de promover a diversidade e a inclusão, essa prática reforça a invisibilidade e a marginalização das pessoas negras.

A persistência do racismo nas produções artísticas, especialmente no uso de estereótipos e caricaturas, revela uma profunda falta de vontade em abordar questões étnico-raciais de forma crítica e reflexiva. A prática do *blackface*, por exemplo, historicamente associada à *minstrelsy*<sup>8</sup> e à desumanização de pessoas negras, continua a surgir em diversas manifestações artísticas, revelando a persistência de uma visão estereotipada e racista.

A justificativa de que tais práticas são necessárias devido à falta de diversidade no elenco é insuficiente e ignora o papel histórico das instituições culturais na perpetuação da desigualdade racial. A exemplo da mobilização de funcionários da Ópera de Paris, ocorrida em 2020, na qual 400 funcionários assinaram um manifesto pedindo o fim do "silêncio que cerca o racismo", incluindo a eliminação do uso do *blackface* e a utilização de meias e sapatilhas em tons de pele diversos<sup>9</sup> (BBC, 2020. tradução nossa).

A bailarina afro-americana Misty Copeland repostou em 2019, em seu perfil do *instagram*, uma foto do balé de repertório *La Bayadère*, em uma remontagem do Ballet Bolshoi, na qual visivelmente as bailarinas russas estavam em *blackface*. Também afirmou: "Sou uma dançarina negra e, em 2003, quando tinha 11 anos, fui pintada de *blackface* para

---

<sup>8</sup> *Minstrel show* (espetáculo de menestréis) ou *minstrelsy* ('cantoria') é nome de um espetáculo teatral popular tipicamente americano e notavelmente baseado em ideais racistas que reunia quadros cômicos, variedades, dança e música, inicialmente com artistas brancos maquiados como negros com o rosto maquiado de preto (*blackfaces*). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Minstrel\\_Show#:~:text=Minstrel%20show%20](https://pt.wikipedia.org/wiki/Minstrel_Show#:~:text=Minstrel%20show%20)

<sup>9</sup> No original: "the silence that surrounds". Disponível em: [Paris Opera considers blackface ban after staff campaign](#)

atuar na produção de *La Bayadère* do Balé Mariinsky.<sup>10</sup> (Copeland, 2019 *apud* Nichols, 2019. tradução nossa.)

Figura 2 - *La Bayadère* e bailarinas russas do Ballet Bolshoi



Fonte: *Mistyonpointe*, 2019

### **Destacando o Racismo nos Palcos: a Persistência do *Blackface* em Balés de Repertório**

A Dança Clássica, frequentemente exaltada como expressão máxima de elegância, esconde em seu repertório um passado marcado por profundas desigualdades e preconceitos raciais. A prática do *blackface*, que consiste em pintar o rosto de preto para caricaturizar pessoas negras, é um exemplo emblemático da forma como o racismo se manifesta nessa arte.

A análise de vídeos de remontagens de balés clássicos como *La Bayadère* (Marius Petipa, 1877), *Petrushka* (Fokine, 1911) e *A Filha do Faraó* (Marius Petipa, 1862) revelou a persistência de práticas racistas profundamente enraizadas na história da Dança Clássica. A recorrente utilização do *blackface* nessas obras, mesmo em montagens mais recentes, evidencia a necessidade de um olhar crítico sobre a representação de pessoas negras na Dança

---

<sup>10</sup>No original: “I am a black dancer, and in 2003, when I was 11 years old, I was dressed up in blackface to perform in the Mariinsky Ballet’s production of *La Bayadère*”. Disponível em: <https://www.dancemagazine.com/black-face-in-ballet/#gsc.tab=0>

Clássica.

No balé *La Bayadère* (remontagem do Ballet Bolshoi<sup>11</sup>), a cena do Ídolo de Bronze, na qual crianças do corpo de baile dançam em volta de uma estátua, com os rostos pintados de marrom, meia-calça e blusa segunda pele de cor marrom, é particularmente chocante. A repetição dessa imagem em diferentes montagens, com variações no número de crianças, mas sempre com o uso do *blackface*, demonstra a normalização dessa prática racista.

No balé *Petrushka* (remontagem Australian Ballet, 2009<sup>12</sup>), o personagem Mouro, um dos bonecos que vivencia o triângulo amoroso com a Bailarina, é representado de forma estereotipada, com o rosto todo pintado de marrom. Essa caracterização desumanizante reforça a visão exótica e inferiorizada do outro racializado. Na narrativa, o Mouro assassina o personagem principal Petrushka, um boneco de palha com rosto pintado de branco que fica insatisfeito ao não ser escolhido pela personagem branca, reforçando o esteriótipo do homem negro violento.

No balé *A Filha do Faraó* (remontagem Ballet Bolshoi, 2012<sup>13</sup>) apresenta uma representação ainda mais explícita da escravidão, com quatro bailarinos e uma bailarina pintados de marrom para interpretar escravos que auxiliam na cena da caçada. Esta personagem (Ramzea) em *blackface* troca de lugar com a filha do faraó para que ela consiga fugir pois não queria se casar com o noivo prometido pelo pai, tendo em vista que se apaixona por outro rapaz. A persistência deste estereótipo, em montagens contemporâneas, é um indicativo da dificuldade em romper com representações racistas no balé clássico.

É crucial destacar que a utilização do *blackface* não se limita a questões estéticas, mas a uma construção histórica de poder e dominação. Ao pintar o rosto de preto ou marrom, os bailarinos brancos se apropriaram de uma identidade racial para fins de entretenimento, reforçando estereótipos negativos e contribuindo para a desumanização de pessoas negras.

A persistência dessas representações racistas em balés clássicos, no século XXI, exige uma reflexão profunda sobre o papel da dança na perpetuação de desigualdades sociais. É fundamental que a comunidade da dança se engaje em um processo de descolonização e desconstrução desses estereótipos, buscando uma representatividade justa e equitativa de pessoas negras nos palcos. É fundamental reconhecer e combater essas práticas, promovendo a diversidade e a inclusão nas obras de dança.

---

<sup>11</sup> <https://youtu.be/BrDjxDXno7s?si=9-zDbdKtuHXMZ-gS>

<sup>12</sup> [https://youtu.be/wRa1mb4\\_JqE?si=i1BUg6\\_Vzvahd1Xm](https://youtu.be/wRa1mb4_JqE?si=i1BUg6_Vzvahd1Xm) (minutagem 15:18)

<sup>13</sup> [https://youtu.be/2eGECwhaI60?si=5zwz1kHba3FT\\_cZO](https://youtu.be/2eGECwhaI60?si=5zwz1kHba3FT_cZO)

## Para além dos estereótipos: reação e resistências

A Dança Clássica, tradicionalmente associada a um padrão de beleza eurocêntrico e estereotipado, tem passado por transformações no que se refere às questões étnico-raciais. A busca por uma representação inclusiva nos palcos tem desafiado os paradigmas e costumes estabelecidos, abrindo espaço para novas narrativas e expandindo os horizontes em todas as modalidades de dança.

A perspectiva da inclusão perpassa pela concepção de que vamos colocar "o diferente" para dentro, mas sem nos preocuparmos com a subjetividade desse outro, sem avaliarmos as estruturas já vigentes, se elas comportam e acolhem essa diversidade. Inclusão significa ser incluída/convidada para uma festa na qual as pessoas já estabeleceram o que você pode vestir, comer, qual música você deve dançar. Trata-se de uma falsa abertura que não reconhece esses sujeitos como agentes sociais, que o tempo todo transformam a realidade social em seu entorno. O que estou chamando aqui de pedagogia da implosão destrói/implode o edifício branco-cêntrico ocidental e constrói, a várias mãos, a nova festa da diversidade, cada um escolhendo seu par, sua vestimenta, sua comida, seu modo de dançar [...] (Carine, 2023, p. 127)

Bailarinos negros, LGBTQIAPN+ e com diferentes tipos de corpos estão quebrando barreiras e contribuindo para uma arte diversa e representativa. A busca por uma representação inclusiva e diversa nos palcos tem ganhado força, desafiando os estereótipos e abrindo espaço para novas narrativas.

Companhias de dança de renome internacional estão à frente dessa mudança, apresentando remontagens mais representativas dos balés clássicos de repertório. Através de escolhas de elencos diversificados e de adaptações coreográficas que valorizam a individualidade de cada bailarino, essas companhias estão contribuindo para uma visão mais abrangente da dança:

- *Lester Horton Dancer*<sup>14</sup> foi fundada em 1930 em Los Angeles, por Lester Horton, coreógrafo, bailarino e professor norte-americano. Pesquisador incansável das danças dos indígenas norte-americanos, foi o primeiro a ter uma companhia multiétnica e a conceber um *pas-de-deux* para um negro e uma branca. Foi o precursor do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos.
- O *American Ballet Theatre*<sup>15</sup> (ABT) é uma das três principais companhias de balé clássico dos Estados Unidos, sediada em New York e fundada em 1939 com direção de Richar Pleasant. Em 1997, o bailarino negro Desmond Richardson se tornou bailarino principal da companhia que em 2015, passou a ter uma primeira bailarina

---

<sup>14</sup> [Lester Horton - Wikidança](#)

<sup>15</sup> [ABT - American Ballet Theatre](#)

negra, Misty Copeland<sup>16</sup>.

- *Alvin Ailey American Dance Theater*<sup>17</sup> foi fundada em New York, em 1958 por Alvin Ailey, coreógrafo e ativista afroamericano. A princípio, juntamente com oito bailarinos e cinco músicos, todos negros, buscaram cultivar as raízes africanas e expressar a alma dos negros, tendo como referência a bailarina Katherine Dunham. Sua obra-prima coreográfica, *Revelations*, é um dos espetáculos de dança moderna mais conhecidos. (Portinari, 1985, p.20)
- *Dance Theater of Harlem* fundada em 1969, em New York por Arthur Mitchell<sup>18</sup>, na época o único bailarino negro que havia conquistado fama internacional, tendo sido o primeiro bailarino do *NYCB* em 1956. Decidiu criar a companhia para que bailarinos negros pudessem dançar o repertório clássico que nunca havia estado a seu alcance. A companhia tem no repertório balés de Balanchine e do repertório clássico, além de trabalhos que mostram as origens africanas e tradições nativas dos negros americanos e coreografias modernas e contemporâneas (Achcar, 1986, pg. 180). A companhia tem em seu repertório o balé “O Pássaro de Fogo” (Fokine, 1910) remontado e coreografado por John Taras em 1982<sup>19</sup>, com turnê mundial prevista para 2026<sup>20</sup>.
- *Pacific Northwest Ballet*<sup>21</sup> foi fundada em 1972, em Seattle, nos Estados Unidos. O bailarino brasileiro Jonathan Batista se tornou o primeiro bailarino negro da companhia em 2022, tendo representando o papel de Oberon na obra de Shakespeare. “Nesta obra, Sonho de uma Noite de Verão, eu quero incorporar a trança no meu cabelo, levar comigo toda a representação de quem eu sou, o cabelo faz parte do corpo negro, e é uma pauta que temos de levantar, pois ainda não é algo bem visto no mundo do balé clássico” (Batista *apud* Trace TV Brazil, 2023)<sup>22</sup>.
- *Ballet Black*<sup>23</sup> é a primeira companhia negra de balé neoclássico profissional do Reino Unido/Europa, fundada em Londres, em 2001 por Cassa Pancho. Possui uma visão transformadora, utilizando como referência o lema “Mudança, não tendência” (tradução nossa). Tem como missão mostrar a diversidade no palco e promover a inclusão de dançarinos negros e asiáticos, efetuando também mudanças nos bastidores

---

<sup>16</sup> [Misty Copeland, a primeira negra bailarina principal da ópera de NY](#)

<sup>17</sup> [History | Alvin Ailey](#)

<sup>18</sup> [Dance Theatre of Harlem: Arthur Mitchell Tribute](#)

<sup>19</sup> [DTH Firebird for Residency](#) (espetáculo a partir de 31:21)

<sup>20</sup> [Firebird Returns 2026 - YouTube](#)

<sup>21</sup> [About | Pacific Northwest Ballet](#)

<sup>22</sup> [Jonathan Batista, primeiro bailarino negro da "Pacific Northwest Ballet" muda visual, para espetáculo de Shakespeare | Trace.tv Brasil](#)

<sup>23</sup> No original “Change Not Trend” . [Ballet Black - Celebrating Diversity in Ballet](#)

e na audiência de seus espetáculos.

Ao celebrar a diversidade nos palcos, a Dança Clássica tem se tornado democrática e acessível, inspirando novas gerações de bailarinos e apaixonados pela dança. As personalidades apresentadas abaixo compõem um painel diversificado e inspirador com destaque para a luta contra o racismo e a busca por maior representatividade na Dança Clássica, no Brasil e no mundo. São nomes que marcaram a história da dança, cada um à sua maneira, enfrentando desafios e quebrando barreiras.

Seja como pioneiros em suas respectivas épocas, como ativistas que utilizaram a dança como ferramenta de luta contra o racismo ou como bailarinos que alcançaram feitos históricos, essas personalidades demonstram a força e a importância da arte como veículo de transformação social. Como afirma Davis (2017, p. 166) “A arte progressista pode ajudar as pessoas a aprender não apenas sobre as forças objetivas em ação na sociedade em que vivem, mas também sobre o caráter intensamente social de suas vidas interiores. Em última análise, ela pode incitar as pessoas no sentido da emancipação social.”

- Katherine Dunham<sup>24</sup> (1909-2006) renomada dançarina, coreógrafa e ativista afro-americana, fundadora do *Ballet Nègre*. Enfrentou um episódio de racismo durante sua visita ao Brasil em 1950 ao ser impedida de se hospedar em um hotel de luxo em São Paulo devido à cor de sua pele. Seu caso ganhou ampla repercussão, ativistas e intelectuais negros se mobilizaram exigindo medidas para combater o preconceito racial no país. Em resposta, o Congresso Nacional aprovou, em 1951, a Lei Afonso Arinos, que criminalizou o preconceito de raça ou de cor.
- Mercedes Baptista (1921-2014)<sup>25</sup> tornou-se a primeira bailarina brasileira negra a fazer parte do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1948 e, cinco anos depois, criou seu próprio grupo de dança, nomeado “Ballet Folclórico Mercedes Baptista”. Até hoje é reconhecida como um símbolo de luta do lugar do negro no mundo, além de ser também um grande nome na área do samba por suas contribuições. Estudou com Dunham em Nova York.
- Consuelo Rios<sup>26</sup> (1923-2010) tornou-se uma das principais professoras de Dança Clássica do Brasil, tendo formação em educação física e participado do Ballet da Juventude. Em 1945, tentou concorrer às vagas do Corpo de Baile do Theatro

---

<sup>24</sup> [ANCESTRALIDADES - Caso Katherine Dunham](#)

<sup>25</sup> [5 bailarinos negros que revolucionaram o ballet clássico - Escola de Dança Petite Danse](#)

<sup>26</sup> [Tour En L'Air: Consuelo Rios \(1923 - 2010\)](#)

Municipal do Rio de Janeiro, mas não foi aceita, apesar da sua excelente técnica. Na década de 1960, passou a integrar o corpo docente da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, na qual permaneceu até 2008.

- Carlos Acosta<sup>27</sup> (1973- ), bailarino negro cubano que atuou em diversas companhias, incluindo o *English National Ballet*, *National Ballet de Cuba*, *Houston Ballet* e *American Ballet Theatre*. Seu grande marco foi ter sido o primeiro bailarino negro do *Royal Ballet* de Londres, no qual atuou de 1998 a 2015. Em 2020 assumiu a direção do *Birmingham Royal Ballet*.
- Bethania Gomes (1973- ), bailarina negra brasileira, iniciou seus estudos em Dança Clássica aos nove anos e aos treze anos passou a frequentar a Escola de Dança do TMRJ. Em 2001, ingressou no *Dance Theatre of Harlem* (DTH) nos Estados Unidos, se tornando a 1ª bailarina negra brasileira a alcançar o posto mais alto de uma companhia internacional de Dança Clássica. Realizou uma turnê na África do Sul, culminando em uma apresentação memorável para Nelson Mandela (Nascimento, 2021, contra-capá).
- Ingrid Silva (1988- ) é uma bailarina negra brasileira que iniciou sua jornada em um projeto social no Rio de Janeiro, tendo sido aluna de Bethania Gomes. Frequentou a Escola Estadual de Dança Maria Olenewa por cinco anos, atuou em companhias brasileiras como Deborah Colker e Grupo Corpo, até passar na audição para o DTH em 2008, no qual tem o cargo de primeira bailarina até os dias atuais (Silva, 2021, p.15). Pressionou a marca de sapatilhas *Freed of London*, utilizada por ela há 11 anos, até conseguir uma no tom de sua pele, em 2018 (Silva, 2021, p.168).
- Precious Adams<sup>28</sup> (1994- ), bailarina afro-americana que ganhou duas vezes o *Prix de Lausanne* e conquistou uma bolsa de estudos para o *English National Ballet*, no qual atua desde 2014 e foi promovida à primeira bailarina em 2017. O grande marco de sua representatividade foi quando deixou de lado a meia-calça rosa tradicional e passou a usar meias em tons que se igualavam ao da sua pele.

Outro exemplo inspirador é o bailarino negro francês Guillaume Diop<sup>29</sup> (2000- ), atualmente primeiro bailarino da Ópera de Paris, cuja participação nas Olimpíadas 2024 foi um marco histórico, demonstrando que a Dança Clássica pode ser um espaço para todos, independentemente de raça ou origem. A bailarina afro-americana Misty Copeland (1982 - ),

---

<sup>27</sup> [Tutu da Ju | 10 Bailarinos Negros que se destacaram na dança](#)

<sup>28</sup> [5 bailarinos negros que revolucionaram o ballet clássico - Escola de Dança Petite Danse](#)

<sup>29</sup> [Guillaume Diop \(@guillaumediop\) • Fotos e vídeos do Instagram](#)

com sua interpretação marcante no filme *O Quebra-Nozes e os Quatro Reinos da Disney*, é um ícone da diversidade na Dança Clássica. Sua trajetória inspiradora, marcada por desafios e superações, demonstra que é possível alcançar o sucesso mesmo diante de obstáculos e preconceitos.

Chloé Lopes Gomes<sup>30</sup> (1991- ) é uma bailarina francesa que foi a primeira bailarina negra a integrar a companhia alemã *Staatsballett Berlin*, em 2018. Distinguiu-se na luta contra o racismo na Dança Clássica, denunciando situações discriminatórias por parte de uma professora da companhia. Após o encerramento do contrato, tornou as suas denúncias públicas e avançou judicialmente, tendo sido recontratada em abril de 2021 até o final da temporada de 2021/2022, além de receber indenização.

A diversidade de gênero também tem ganhado destaque na dança, com a bailarina trans brasileira Naomi Brito<sup>31</sup> (1997- ), membro da companhia Pina Bausch desde o início da temporada 2020/2021, quebrando barreiras e conquistando seu espaço nos palcos. Há também a bailarina trans sul-africana Leroy Mokgatle<sup>32</sup>, que atuou em companhias como *Béjart Ballet Lausanne*, *Zürich Ballet*, atualmente fazendo parte do *Staatsballett Berlin*.

Esses exemplos demonstram um avanço significativo na luta por uma arte inclusiva e representativa. A diversidade de corpos, de histórias e de experiências é fundamental para enriquecer a arte da dança e torná-la relevante para a sociedade contemporânea.

### **Vozes Negras no Balé Clássico: Desafios e Perspectivas**

A presente pesquisa também investigou as experiências de bailarinos(as) negros(as), aprofundando a análise dos desafios relacionados à raça, representatividade e inclusão no contexto da Dança Clássica. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo através de um formulário *online* que abordou aspectos pessoais, educacionais, profissionais e identitários. Apesar de ter sido encaminhado para dezesseis bailarinos(as) negros(as), cerca de apenas um terço respondeu.

Assim, é fundamental ressaltar que a coleta de dados apresentou algumas limitações, como o baixo número de respondentes. A amostra composta por cinco bailarinos(as) negros(as), três mulheres e dois homens, embora representativa da experiência desses indivíduos, não é suficiente para abarcar a realidade.

---

<sup>30</sup>

[https://www.francetvinfo.fr/culture/spectacles/danse/la-danseuse-chloe-lobes-gomes-voit-son-contrat-prolonge-a-u-staatsballett-de-berlin-ou-elle-disait-avoir-ete-victime-de-racisme\\_4382227.html](https://www.francetvinfo.fr/culture/spectacles/danse/la-danseuse-chloe-lobes-gomes-voit-son-contrat-prolonge-a-u-staatsballett-de-berlin-ou-elle-disait-avoir-ete-victime-de-racisme_4382227.html)

<sup>31</sup> [Bailarina trans brasileira, Naomi Brito, dança "Liberdade Catedral" da cia Pina Bausch](#)

<sup>32</sup> [Leroy Mokgatle vive seu sonho no Staatsballett Berlin - Dance Magazine](#)

A forma de divulgação do formulário, através do *WhatsApp* e *Instagram*, pode ter influenciado a representatividade da amostra, uma vez que a participação ocorreu de forma voluntária e dependente do acesso aos aplicativos. Além disso, a pesquisa se concentrou especificamente na experiência de bailarinos(as) negros(as), não abrangendo outras minorias raciais que também podem enfrentar desafios similares no contexto da Dança Clássica.

Na parte de identificação dos respondentes, a maioria (3 respondentes) está na faixa etária de 20 a 25 anos, sendo que um está na faixa etária de 25 a 30 anos e outro na faixa etária de 40 a 45 anos. Com relação à cor/raça, 3 respondentes se autodeclararam como pretos e 2 respondentes como pardos. Todos os respondentes possuem curso de graduação.

Com relação à formação em Dança Clássica, todos frequentaram escolas de dança particulares, sendo que um deles ressaltou que foi bolsista, enquanto outro afirmou que também teve acesso a esta modalidade em instituição pública de educação básica e projeto social. Com relação à atuação profissional, apenas uma não atua na área de docência, sendo que os demais atuam como professores em instituições privadas.

A partir da análise das respostas coletadas e do contexto histórico da Dança Clássica, emergiram diversos temas cruciais. Em primeiro lugar, os bailarinos(as) negros(as) enfrentam uma série de dificuldades, que vão desde questões financeiras, limitando o acesso à formação, até a falta de oportunidades de destaque em espetáculos e a discriminação racial. Comentários racistas, padrões estéticos eurocêntricos (relacionados ao cabelo e ao biotipo corporal) e a ausência de representatividade nos grupos de dança foram obstáculos comuns relatados.

A experiência na sala de aula também se mostrou desafiadora, marcada pela falta de preparo dos professores em lidar com questões étnico-raciais e pela perpetuação de padrões estéticos e estereótipos raciais. No entanto, os participantes destacaram a importância da presença de professores e bailarinos negros como elemento chave para a construção de ambientes inclusivos e acolhedores e uma abordagem pedagógica que leva em conta as experiências e cultura dos indivíduos.

De acordo com as respostas, a dança, além de uma manifestação artística, é uma ferramenta de empoderamento e construção da identidade negra. Ao desafiar os padrões estabelecidos e promover a diversidade, a Dança Clássica pode ser um espaço de afirmação e resistência. É fundamental ressaltar também o desejo de mudança expresso pelos participantes.

A maioria busca um futuro inclusivo para a Dança Clássica, na qual a diversidade seja valorizada e a discriminação seja combatida. A educação antirracista é entendida como um

caminho essencial para transformar esse cenário e as escolas de dança e companhias têm um papel fundamental nesse processo.

### **Considerações Finais**

A pesquisa evidenciou a necessidade de um olhar crítico sobre a Dança Clássica, desvendando as desigualdades e os desafios enfrentados por bailarinos(as) negros(as). A partir dos resultados obtidos, sugere-se a implementação de medidas para promover a diversidade e a inclusão nesse contexto, como a formação de professores em temas relacionados à raça e à diversidade, a criação de oportunidades para bailarinos negros e a revisão dos balés de repertórios e padrões estéticos.

Diante desse contexto, foi elaborada uma proposta didática<sup>33</sup> incluindo processo de criação coletiva, abordando a temática de identidade e representatividade e um guia educativo<sup>34</sup> com o objetivo de auxiliar professores de Dança Clássica a implementarem práticas antirracistas em suas salas de aula. O guia oferece ferramentas e estratégias para desconstruir estereótipos, promover a representatividade, fomentar diálogos sobre raça e identidade, além de implementar uma abordagem metodológica e um currículo antirracista.


O guia aborda temas como a história da Dança Clássica, conceitos-chave como racismo e equidade, e oferece sugestões de atividades práticas para a sala de aula. Espera-se que o material possa contribuir para a descolonização da Dança Clássica, promovendo a equidade e a inclusão de bailarinos(as) negros(as). Ao transformar as salas de aula em espaços justos e diversos, é possível construir um futuro representativo na Dança Clássica.

A pesquisa também apresentou um panorama crítico da representação racial na Dança Clássica, revelando a necessidade urgente de uma transformação antirracista. Ao analisar balés clássicos de repertório e as experiências de bailarinos(as) negros(as), foram identificados diversos estereótipos raciais e suas consequências para os profissionais da dança e sociedade em geral.

A partir dos resultados obtidos, ficou evidente que a Dança Clássica, historicamente marcada por padrões eurocêntricos e excludentes, precisa ser repensada e descolonizada. A falta de representatividade de corpos negros nos papéis principais, a perpetuação de estereótipos racistas nos personagens de balés de repertório e a ausência de discussões sobre

---

<sup>33</sup> Ver plano de aula no apêndice na página 20.

<sup>34</sup>  [GUIA ANTIRRACISTA .pdf](#)

raça e identidade nas escolas de dança são apenas alguns dos desafios enfrentados pelos(as) bailarinos(as) negros(as).

No entanto, bailarinos, coreógrafos e ativistas tem impulsionado uma transformação profunda na Dança Clássica, abrindo espaço para novas narrativas e representações, valorizando a diversidade e a inclusão étnico-racial. Este é um movimento que ganha cada vez mais força no cenário da Dança Clássica e os avanços recentes demonstram que o futuro é promissor e repleto de possibilidades. Essa demanda por transformação é um sinal de esperança e um incentivo para a construção de um campo artístico justo e equitativo.

## Referências

ANCESTRALIDADES. Caso Katherine Dunham. **Ancestralidades**, 19/04/2023. Disponível em <https://www.ancestralidades.org.br/marcos-historicos/caso-katherine-dunham> Acesso em 09 dezembro 2024.

ACHCAR, Dalal. **Arte Técnica Interpretação**. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 1986.

ANDERSON, Jack. **Dança**. Europa Verlag AG - Lugano e Editorial Verbo - Lisboa. São Paulo, 1978.

BARROS, Carolina Paes. Balanchine, a mulher e o mercado de trabalho na dança. **Portal Mud**, 2023. Disponível em: <https://portalmud.com.br/portal/ler/balanchine-a-mulher-e-o-mercado-de-trabalho-na-danca> Acesso em: 23 setembro 2024.

BBC. *Paris Opera considers blackface ban after staff campaign*. **BBC**, 06 october 2020. Disponível em: [Paris Opera considers blackface ban after staff campaign](#) Acesso em: 09 dezembro 2024.

BBC News Brasil. O que é 'blackface' e por que é considerado tão ofensivo? **BBC News Brasil**, 20 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49769321> Acesso em: 09 dezembro 2024.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil LTDA, 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Edição: Boitempo, 2017.

FARO, Antonio José. **Pequena história da dança**. Rio de Janeiro: Edição: Jorge Zahar, 1986.

FRANCE Télévisions - Equipe Editorial de Cultura. *La danseuse Chloé Lopes Gomes voit son contrat prolongé au Staatsballett de Berlin, où elle disait avoir été victime de racisme*.

Franceinfo Culture avec AFP. 22/04/2021. Disponível em: [La danseuse Chloé Lopes Gomes voit son contrat prolongé au Staatsballett de Berlin, où elle disait avoir été victime de racisme](#) Acesso em: 09 dezembro 2024.

HANNA, Judith Lynne. **Dança, sexo e gênero**. Rio de Janeiro: Edição: Rocco, 1999.

NASCIMENTO, Bethânia. **Betha, a bailarina pretinha**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

NICHOLS, Dana. *I Am a Black Dancer Who Was Dressed Up in Blackface to Perform in La Bayadère*. **Dance Magazine**, december 11, 2019. Disponível em: [I Am a Black Dancer Who Was Dressed Up in Blackface to Perform in La Bayadère](#) Acesso em: 09 dezembro 2024.

PEREIRA, Roberto. **A formação do balé brasileiro: nacionalismo e estilização**. Rio de Janeiro-RJ: Editora FGV, 2003.

PORTINARI, Maribel. **Nos passos de dança**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

PRAXEDES, Rosângela; PRAXEDES, Walter. **Educando contra o preconceito e a discriminação racial**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PRIMEIROS NEGROS. Misty Copeland, a primeira negra bailarina principal da ópera de NY. **Primeiros Negros**. Disponível em:

<https://primeirosnegros.com/misty-copeland-primeira-bailarina-da-historia-da-opera-de-ny/>

Acesso em: 09 dezembro 2024.

ROCKWELL, J. *Ballet Theater Review: Poetry, Splendor and Folk Life From a Rebel*. **The New York Times**, June 18, 2005. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2005/06/18/arts/dance/poetry-splendor-and-folk-life-from-a-rebel.html> Acesso em: 01 maio 2024.

SILVA, Ingrid. **A sapatilha que mudou o meu mundo**. Rio de Janeiro, Editora Globo Livros, 2021.

TRACE TV BRAZIL. Jonathan Batista, primeiro bailarino negro da “Pacific Northwest Ballet” muda visual, para espetáculo de Shakespeare. **Trace TV Brazil**. Abril 20, 2023.

Disponível em: [Jonathan Batista, primeiro bailarino negro da "Pacific Northwest Ballet" muda visual, para espetáculo de Shakespeare | Trace.tv Brasil](#) Acesso em: 09 dezembro 2024.

Sites eletrônicos:

<https://balletblack.co.uk/>

<https://www.pnb.org/aboutpnb/>

<https://www.abt.org/the-company/about/>

<https://ailey.org/history#1958>

[http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Lester\\_Horton](http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Lester_Horton)

<https://petitedanse.com.br/5-bailarinos-negros-que-revolucionaram-o-ballet-classico/>

<https://tourenlaireedmo.blogspot.com/2011/05/consuelo-rios-1923-2010.html>

<https://tutudaju.com/10-bailarinos-negros-que-se-destacaram-na-danca/>

<https://youtu.be/BrDjxDXno7s?si=9-zDbdKtuHXMZ-gS>

[https://youtu.be/wRa1mb4\\_JqE?si=i1BUg6\\_Vzyahd1Xm](https://youtu.be/wRa1mb4_JqE?si=i1BUg6_Vzyahd1Xm)

[https://youtu.be/2eGECwhaI60?si=5zwz1kHba3FT\\_cZO](https://youtu.be/2eGECwhaI60?si=5zwz1kHba3FT_cZO)

<https://www.youtube.com/watch?v=emv4y4hpiVc>

<https://www.youtube.com/watch?v=eKIqB07TXyo&t=67s>

[https://www.youtube.com/watch?v=W7jZHHmJJ\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=W7jZHHmJJ_I)

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Minstrel\\_Show#:~:text=Minstrel%20show%20](https://pt.wikipedia.org/wiki/Minstrel_Show#:~:text=Minstrel%20show%20)

[Bailarina trans brasileira, Naomi Brito, dança "Liberdade Cathedral" da cia Pina Bausch](#)

[Leroy Mokgatle vive seu sonho no Staatsballett Berlin - Dance Magazine](#)

## APÊNDICE - PLANO DE AULA

IDENTIFICAÇÃO: Jéssica Rayane Silva
TEMA: Corpo e Identidade na Dança Clássica
FAIXA ETÁRIA: Adulto
NÍVEL: Intermediário
DURAÇÃO: 1h
OBJETIVO GERAL: Promover a criação coreográfica em grupo, a partir da técnica da dança clássica, inspirada nas narrativas do livro “Betha, a Bailarina Pretinha” (Nascimento, 2021) e do balé de repertório “O Pássaro de Fogo” (Fokine, 1910).
OBJETIVO ESPECÍFICOS: <ol style="list-style-type: none"><li>1. Promover a criação em dança em grupo, incentivando a troca de ideias e a construção de uma dramaturgia coletiva.</li><li>2. Explorar temas como identidade, representatividade e transformação.</li><li>3. Estimular a reflexão sobre o papel da arte na sociedade, a importância da representatividade e a necessidade de desconstruir estereótipos étnico-raciais.</li></ol>
CONTEÚDOS: <ol style="list-style-type: none"><li>1. Construção da identidade através da dança</li><li>2. A jornada de Betha (Bethania Nascimento) como bailarina negra e seus desafios</li><li>3. Música de Stravinsky</li><li>4. O balé Pássaro de fogo e seus personagens (príncipe Ivan, a princesa Fevronia, o pássaro mágico e o feiticeiro Kaschei)</li><li>5. Elementos da técnica da dança clássica</li></ol>
RECURSOS DIDÁTICOS: <ul style="list-style-type: none"><li>● Livro Betha, a bailarina pretinha (Nascimento, 2021)</li><li>● Livro Outros contos do balé (Bogea, 2018)</li><li>● Sala de dança ampla</li><li>● Caixa de som, celulares</li><li>● Músicas diversas para aquecimento (preferencialmente de artistas negros)</li><li>● Adereços e elementos de figurino (capa, coroas, penas, ovo)</li><li>● Trechos de vídeos do balé "O Pássaro de Fogo" (Fokine, 1910)</li><li>● Música do balé "O Pássaro de Fogo" (Stravinsky, 1910)</li></ul>
METODOLOGIA: <ul style="list-style-type: none"><li>● Apresentação dos livros e do enredo de "Betha, a bailarina pretinha" e do balé "O Pássaro de Fogo", identificando os elementos narrativos, os personagens e a estética visual.</li><li>● Aquecimento corporal</li><li>● Audição e análise da música selecionada do balé</li><li>● Divisão dos grupos e compartilhamento de vídeos e objetos relacionados à narrativa do balé, focando nas características dos personagens.</li><li>● Processo de criação coletivo a partir dos quatro personagens principais.</li></ul>

- Organização das cenas, a partir da música selecionada.
- Apresentação da composição e encerramento da atividade

#### DESCRIÇÃO DAS PROPOSTAS E MÚSICAS UTILIZADAS:

**Leitura 1:** Apresentar a importância da representatividade e da inclusão na dança clássica, utilizando o livro "Betha, a bailarina pretinha" como ponto de partida. Contar a história do livro, enfatizando momentos que despertam a imaginação e a criatividade dos alunos. (5 minutos)

**Leitura 2:** Em seguida, narrar a história do balé "O Pássaro de Fogo", focando nas características dos personagens, identificando os elementos narrativos. Analisar as ilustrações dos livros, observando os detalhes, as cores e a estética visual dos personagens. (5 minutos)

**Aquecimento:** Realizar um aquecimento corporal completo, com foco na flexibilidade e na coordenação motora (10 minutos).

1. Corrida na meia ponta em volta da sala seguida de sautés em 1ª posição dos pés.
2. Sentados, percebendo o peso do corpo sobre os ísquios, com as pernas unidas, os pés paralelos, as pontas dos pés esticadas, os braços estendidos ao longo do corpo para realizar repetições de ponta e flex.
3. Deitados em decúbito dorsal, com as pernas unidas, os pés paralelos, as pontas dos pés esticadas e os braços ao longo do corpo, com as palmas das mãos voltadas para o chão, realizar a posição da vela com um impulso lançando as pernas para cima. Utilizar 8 tempos para levar, de forma lenta e contínua, as pernas para trás da cabeça até que as pontas dos pés toquem o chão. O quadril permanece alinhado com os ombros. Os braços devem manter a mesma posição: ao longo do corpo ou dando suporte ao quadril. Sentar-se imediatamente com um impulso, levando os braços para a quinta posição (terceira posição do Método Russo), flexionar o tronco para frente e puxar os pés em flex para trabalhar o alongamento da cadeia posterior.
4. Em pé, com as pernas na 2ª posição en dehors. Realizar um grand plié mais profundo que o normal, formando a letra "M" com as pernas, de forma que as mãos toquem o chão. Em seguida, empurrar os joelhos para trás com o auxílio dos braços, preservando a coluna ereta. Esticar a perna direita, deslizando-a para o lado com o pé em flex, sem tirar o calcanhar da perna esquerda do chão, trabalhando o *en dehors*

das duas pernas. Girar o quadril e, conseqüentemente, todo o corpo, para o lado da perna esquerda. O joelho da perna de base deve estar alinhado com o calcanhar, que pode ou não estar em rotação externa. A perna direita, que estava ao lado, agora estará posicionada atrás do corpo, esticada e com os dedos do pé apoiados no chão em meia ponta. Ainda com as mãos no chão, abaixar o quadril o máximo que puder. Repetir para o outro lado.

5. Sentados com as pernas estendidas recolher a perna direita e colocar o tornozelo sobre a coxa da perna esquerda. Com o pé esquerdo em flex alongar o tronco até conseguir segurar o pé esquerdo. Repetir para o outro lado.
6. Deitados em decúbito dorsal, na primeira posição en dehors com as pontas dos pés esticadas e as pernas elevadas 90°, encostadas em uma parede, os braços flexionados e as mãos apoiadas nas cristas ilíacas. Realizar demi plié, empurrando os joelhos para trás, tentando encostá-los na parede. Manter a posição por 4 tempos. Utilizar 4 tempos para esticar as pernas ao retornar do demi plié, empurrando os calcanhares para o teto. Retornar à posição inicial, partindo do flex para a meia ponta e finalizar com a ponta dos pés esticados.

Sugestão: utilizar músicas instrumentais de artistas negros para os exercícios de aquecimento corporal, como por exemplo Nina Simone.

#### **Processo de criação coletivo (30 minutos):**

**Audição e análise da música selecionada:** Música de Stravinsky (VII Final - Pássaro de Fogo).

Música: [El pájaro de fuego: VII. Final – música e letra de Igor Stravinsky. SWF Symphony Orchestra Baden-Baden. Jascha Horenstein | Spotify](#)

**Divisão em grupos:** Dividir os participantes em três grupos, distribuir objetos cênicos, adereços e elementos de figurino e compartilhar trechos de vídeos do balé para inspiração das composições.

<https://www.youtube.com/watch?v=emv4y4hpjVc> (Dance Theater of Harlem)

<https://youtu.be/X3G2kitXwSY?si=YLGoAc3VjTaW13su> (San Francisco ballet)

<https://youtu.be/HiNihbyNlrc?si=I8A5OBE4WTwwa2Ax> (English National Ballet)

<https://youtu.be/q5OoxaMY4wM?si=OBb-ty1R7-vwFv1g> (Oregon ballet)

[Stravinsky- Firebird \(Bolshoi Ballet Russe Film\)- Segment from Return of the Firebird](#)

**Escolha do tema:** Cada grupo trabalhará um grupo de personagens do balé “O pássaro de fogo”, a partir do enredo e de suas características principais

**Grupo 1** - composição de cena focando nos personagens Príncipe Ivan e Pássaro Mágico

**Grupo 2** - composição de cena focando nas princesas e a Princesa Tsarevna

**Grupo 3** - composição de cena focando no personagem feiticeiro Kostchei e demônios

**Exploração:** Os grupos deverão explorar movimentos, emoções e ideias relacionadas ao enredo da história, utilizando a música de Stravinsky como inspiração.

**Construção da narrativa:** Unir as cenas de cada grupo e elaborar uma cena final, inspirada nos elementos do balé "Pássaro de Fogo", ajustando os movimentos e a sincronia dos integrantes.

**Apresentação da composição e encerramento da atividade** (10 minutos).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E VIDEOGRÁFICAS:

- FARACO, Fabiana e TREVISOLI, Tatiana. Treinamento funcional para bailarinos. Bernadete Costa - Manuscritos Editora, 2015.
- NASCIMENTO, Bethânia. Betha, a bailarina pretinha. Editora Jandaíra, 2021.
- BOGÉA, Inês. Outros contos do balé. Editora Cosacnaify, 2018.
- <https://youtu.be/dHvyOOzmbds?si=XhWGABZ7w-LP2qZg> (Contos de Balé)
- <https://www.youtube.com/watch?v=emv4y4hpjVc> (Dance Theater of Harlem)
- <https://youtu.be/X3G2kitXwSY?si=YLGoAc3VjTaW13su> (San Francisco ballet)
- <https://youtu.be/HiNihbyNlrc?si=I8A5OBE4WTwwa2Ax> (English National Ballet)
- <https://youtu.be/q5OoxaMY4wM?si=OBb-ty1R7-vwFv1g> (Oregon ballet)
- [Stravinsky- Firebird \(Bolshoi Ballet Russe Film\)- Segment from Return of the Firebird](#)